

---

## O MAL EM MACHADO DE ASSIS

*Viviane Cristina Cândido*

São Paulo: Editora Musa, 2011. Biblioteca aula educação e religião.  
Série religião e literatura; v. 1. 128p.

ISBN 978-85-7871-012-5

---

### RELIGIÃO E EDUCAÇÃO: um diálogo com Machado de Assis

Dado o caso de Machado de Assis ser nosso escritor maior, somado ao fato de sua extensa fortuna crítica – nenhum outro escritor brasileiro mereceu tantos estudos, artigos, livros etc. –, toda nova publicação sobre sua obra causa interesse e desconfiança. Interesse por razões óbvias, já que a riqueza da sua literatura tange o inesgotável. E desconfiança porque parece que tudo o que se podia dizer a seu respeito já se disse – ou ao menos já deveria ter sido razoavelmente esboçado –, restando pouco espaço para descobertas ou novas abordagens.

Situando-se entre esses dois pilares, *O mal em Machado de Assis*, de Viviane Cristina Cândido, livro publicado em 2011, causa interesse justamente por desfazer

a desconfiança de que não estaríamos diante de algo novo. Já o subtítulo é elucidativo a esse respeito: “Cristianismo versus condição humana: As Memórias Póstumas de Brás Cubas na perspectiva da Filosofia da Religião e da Educação”. Não só o lugar onde a pesquisadora se situa para olhar Machado promete uma abertura instigante – a relação interdisciplinar entre filosofia, religião e educação –, como o provocativo versus que opõe cristianismo e condição humana, termos que, comumente, não viriam em lados opostos.

Mas essa oposição não é meramente formal, senão enraizada numa perspectiva, a da Filosofia da Religião, que se debruça sobre a razão religiosa, que diferencia a

experiência religiosa da instituição, de modo que a religião possa dialogar com a educação (que por sua vez desvincula-se da escola), assim como Machado, a despeito de seu propagado ateísmo, dialogou por toda a vida, como atesta sua obra e o próprio fato de ter sido sacristão. Em poucas palavras: independente de uma validação de crença – que para os propósitos do livro é irrelevante – o cristianismo permeia a obra machadiana, seja pelas diversas e constantes referências que faz a passagens bíblicas, à Instituição ou a seus representantes, seja pela exposição e reflexão da condição humana e do mal.

A fim de avaliar o alcance dessa proposta, julgo pertinente situar no quadro da fortuna crítica machadiana o lugar deste *O Mal em Machado de Assis*.

O estudo da recepção crítica de Machado se Assis, a se considerar o esquema de Hélio Seixas Guimarães (2008, p. 273-292), enfeixa-se em três grandes momentos, que podem ser apresentados por três representativos críticos.

Assim, a primeira tríade reúne Romero, Araripe e Veríssimo. Sílvio Romero tornou-se famoso pela agressividade dirigida a Ma-

chado, referindo-se às *Memórias Póstumas* como “bolorenta pamonha literária”. Seus pressupostos críticos pautavam-se pelo determinismo e pelo evolucionismo, postulando que o escritor deveria refletir a sociedade a que pertence e promover o seu progresso, julgando que Machado falha nesse intento por representar um retrocesso, dado seu apego aos modelos clássicos.

Araripe, embora o julgue excêntrico, reconhece seu potencial satírico, valoriza sua ironia em relação à misturada de ideias estrangeiras, como o positivismo e o evolucionismo, e procura reconhecer o Brasil em Rubião, vertente que seria depois retomada diversas vezes, na busca de associar personagens machadianos a uma espécie de síntese alegórica do nosso país.

O historiador da literatura José Veríssimo busca abordar a riqueza de recursos utilizados pelo romancista na elaboração dos narradores em primeira pessoa, percebendo sua complexidade e problemática, ainda que encontrasse dificuldade no enquadramento de sua obra, optando pelo reforço negativo: não é romântico, naturalista, realista, enfim, não se enquadra no que se praticava na literatura

nacional nem no que se importava da literatura estrangeira, exercitando-se num humorismo estranho à nossa tradição. Essa primeira tríade, escritas enquanto Machado ainda produzia, contribuem para uma visão inicial da recepção da obra de Machado.

Já a segunda tríade (1939 a 1958), composta por Astrojildo Pereira, Lúcia Miguel Pereira e Augusto Meyer, oscilou entre reconhecer os caracteres de um autor integrado ao contexto nacional e representante da literatura universal. Astrojildo Pereira refutou a ideia de indiferença à vida local, mostrando um Machado realista, preocupado com a vida social brasileira, inaugurando assim uma tradição de abordagens sociológicas praticadas posteriormente por Raymundo Faoro, Roberto Schwarz e John Gledson.

Lucia Miguel Pereira traça um paralelo entre a vida do homem Machado e as personagens criadas pelo escritor, que numa primeira fase trataria do tema da ascensão social, com os conflitos por ele mesmo vividos, para, numa segunda fase, já estável, criticar a vida política e social das classes dominantes.

Augusto Meyer se dedicaria a apontar a relação do autor Machado com outros autores, numa intertextualidade que o comparará com Pirandelo, Nietzsche e Dostoiévski, este último para expressar o interesse pelo “homem subterrâneo”. Essa relação de Machado com Dostoiévski será trabalhada, ainda que com brevidade, por Viviane Cândido, que os aproxima pelo contato com a religião, apontando a maneira como os dois escritores anteciparam uma certa compreensão da modernidade. Assim, Dostoiévski lida com a experiência religiosa por meio da reflexão racional e por uma mística ortodoxa, enquanto Machado de Assis, que em sua adolescência foi sacristão, questiona o cristianismo institucionalizado, mas não deixa de vivenciá-lo na maneira como se compromete com a vida.

A terceira e última tríade é composta por Roberto Schwarz, John Gledson e Alfredo Bosi. Schwarz teria se influenciado pela leitura de Helen Caldwell, que apontou o caráter não-confiável dos narradores machadianos, como se o escritor forjasse um narrador a contrário. Schwarz compreende que a forma dos gran-

des romances machadianos imita processos históricos e sociais, com as contradições vividas na periferia do capitalismo como índices das falsas promessas do capital.

John Gledson continua Raymundo Faoro por outras vias e intensifica as abordagens propostas por Schwarz para trazer à tona as intenções do autor com sua obra ficcional, principalmente no que diz respeito aos seus narradores e suas facetas tipicamente brasileiras, além de suas posições de classe.

Alfredo Bosi, sem desconsiderar o contexto histórico-social, tem enfatizado as implicações filosóficas, psicológicas e existenciais da obra, ressaltando os estudos moralistas empreendidos por Machado, interessado na compreensão dos comportamentos humanos.

Hélio Seixas aponta, em seu exercício, o crescente interesse suscitado pela obra do nosso grande mestre, que vem recebendo novos estudos e abordagens, como é o caso deste *O Mal em Machado de Assis*, de Viviane Cândido, cuja preocupação a aproxima dos estudos empreendidos por Alfredo Bosi, partilhando com este a opção por referências comuns, embora sua ausência direta na biblio-

grafia do livro cause pena, dado o potencial de diálogo que sua leitura poderia despertar, somado à sua formação humanista e cristã.

Seixas Guimarães considera ainda a hipótese de que Machado teria cifrado uma condição nacional para que seus leitores buscassem recompor os cacos de um espelho propositalmente estilhaçado por ele. Mas se essa foi sua intenção, conclui Seixas, a imagem vista nesse espelho parcialmente recomposto é a dos próprios intérpretes, ou seja, dos pressupostos, preconceitos e obsessões que fazem parte mais da crítica que do próprio Machado. E, com essa conclusão, é possível compreender melhor o livro de Viviane Cândido, uma vez que sua abordagem machadiana é menos uma tentativa de explicitar o sentido de sua obra do que um diálogo, muito rico e respeitoso, com as ideias e pensamentos ficcionalmente elaborados por Machado, especialmente em sua obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

O livro estrutura-se a partir de sete capítulos centrais (“Educar na tensão”, “Condição humana”, “A morte”, “O mal”, “Para que se esconder? Ela te encontrará...” e “Voltemos ao amor... ou sobre a

legitimidade do amor!”), margeados por uma Introdução, uma Para além de uma introdução e as Considerações finais. As duas introduções, além do excelente Prefácio de Marcos Ferreira Santos, que auxilia na síntese e no alcance da obra, servem justamente para explicitar o arenoso terreno onde a obra será edificada, que é a relação Religião e Educação. Se o pecado do Ensino Religioso é o proselitismo, uma das maneiras de superá-lo é enveredar pelo campo da filosofia e da literatura, esta ainda mais que aquela, quando a proposta é narrar a experiência humana. Portanto, auxiliam na discussão a controvérsia do filósofo Franz Rosenzweig e a literatura de Machado de Assis.

Rosenzweig contribui para pensar Deus, Mundo e Homem (os três grandes conceitos fundamentais do pensamento filosófico) em relação, mediados pela experiência, de modo que o divino, o mundano e o humano se revelam na contingência, por meio do vivido. Nesse sentido, é apropriada a relação com a literatura machadiana, uma vez que suas narrativas apontam invariavelmente para a “eterna contradição humana” (A Igreja do Diabo), em que a experiência com-

plexifica o conceito, o pensamento, a permanência, ou qualquer outra pretensão de tornar estável o fluxo incessante do vivido.

Por meio dessa perspectiva, a obra de Viviane Cristina Cândido pode então separar o que é, no campo da Religião, institucional, ou seja, enrijecido, estabilizado, inerte, protocolar, estereotipado e estéril, para buscar a experiência religiosa que se dá por meio das tentativas de responder ao dado contingencial da existência, mas também seu mistério:

*Assim, entendemos que, na medida em que superamos a compreensão meramente institucional da religião, podemos perscrutar o que acontece ao homem em relação com a religião, como ele dá respostas ao que lhe acontece e, ao mesmo tempo, considerando que essa resposta se dá no mundo, extrair da mais acurada compreensão da instituição e da experiência religiosas – ou, ainda, educacionais ou sociais –, por assim dizer, os elementos que possam não apenas nos colocar em diálogo, como também, por sua vez, nos voltar criticamente para as demais instituições, entre elas o Estado e a sociedade moderna, e questionar, via categorias e conceitos religiosos, suas proposições universalizantes e que, ou retiram o homem do seu lugar na corrente da vida, ou o colocam demasiado no centro, sendo que é preciso circularidade para haver relação e diálogo – experiência significativa (Cândido, 2011, p. 35-36).*

E essa experiência significativa, no diálogo entre religião, educação e literatura, é buscada nas questões cruciais da existência. Daí a análise que a autora empreende da obra machadiana buscar a morte, o mal e o amor como temas principais, ou seja, a autora constata justamente esses elementos como constitutivos de uma “condição humana”, e que são fartamente explorados por Machado, na voz de Brás Cubas, e que Antonio Candido (1995, p. 23) listou como um dos temas essenciais de Machado: “qual a diferença entre o bem e o mal, o justo e o injusto, o certo e o errado?”. Quanto ao mal, por exemplo, Cândido mostra como se encontra na própria pessoa e não exterior a ela, daí a busca de sobrevivência levar a própria consciência ao engano. E quem se engana, engana com mais facilidade o outro. Mas Machado não lamenta ou se revolta com essa condição. Sua indiferença o conduz ao riso, ao sarcasmo, ao humor. Nada escapa de seu escrutínio trágico, sejam os princípios, os postulados éticos, a metafísica ou mesmo as esperanças religiosas.

Nesse sentido, a autora não descuidou do episódio do Delírio – o qual teve ocasião de analisar detidamente e sob o crivo filosófico (Almei-

da, 2010) – apontando o espetáculo humano que se desenha numa luta pela sobrevivência que sempre termina no nada. E, por fim, o reconhecimento de que “há um pensamento trágico no sentido de não nutrir esperanças quanto ao homem, mas também uma certa recusa à tragédia pela tragédia (presença nele da religião?)” (Cândido, 2011, p. 108-109).

De fato, a obra machadiana parece encerrar a seguinte fórmula: mostrar uma realidade desagradável (pensamento do pior) para testar se, ainda assim, a realidade (ou a existência) é afirmada. Pois a afirmação incondicional da existência (fórmula nietzscheana) é o horizonte último da visão de mundo proposta por Machado. Essa visão, que poderíamos chamar de trágica, jamais se apraz com a violência dos acontecimentos – daí a arguta e pertinente observação sobre sua recusa à tragédia pela tragédia –, mas envereda pelas sutilezas do pensamento, dos paradoxos, das observações irônicas, das digressões, das citações, enfim, de todas as relativizações que a obra machadiana sistematicamente opera.

Não à toa, as considerações finais deste *O Mal em Machado* de Assis giram em torno justamente da afirmação de um pensamento plural,

seja para a Educação, seja para a Religião e, principalmente, na relação que ambas estabelecem entre si e com a realidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério de. O delírio de Brás Cubas: síntese do pensamento filosófico machadiano. Machado de Assis em Linha, v.6, p.15 - 28, 2010. ISSN: 1983-6821. Disponível em: <[http://machadodeassis.net/revista/numero06/rev\\_num06\\_artigo02.asp](http://machadodeassis.net/revista/numero06/rev_num06_artigo02.asp)>

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. in: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CÂNDIDO, Viviane Cristina. O Mal em Machado de Assis: cristianismo versus condição humana – As Memórias Póstumas de Brás Cubas na perspectiva da Filosofia da Religião e da Educação. São Paulo: Editora Musa, 2011.

GUIMARÃES, Hélio Seixas. O escritor que nos lê. In: Cadernos de Literatura Brasileira: Machado de Assis. Rio de Janeiro, nº 23 e 24, julho de 2008, p. 273-292.

---

*Rogério de Almeida*

*Professor Doutor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). Bacharel em Letras (USP).*

*Doutor em Educação (USP) e coordenador do Lab\_Arte em parceria com Marcos Ferreira Santos.*

*Líder do GEIFEC, pesquisador machadiano e autor, entre outros, de O Criador de Mitos: imaginário e educação em Fernando Pessoa (Educ, 2011) e Aproximações ao Imaginário: bússola de investigação poética (Képos, 2012), em co-autoria com Marcos Ferreira Santos.*

**E-mail: rogerioa@usp.br**

**Site: www.rogerioa.com**

*Recebido em 26/09/2012*

*Aceito em 26/20/2012*